



MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA:

exploração espacial de espaços artísticos e culturais

Mariana Gravina de Oliveira¹

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Bruno Chaves Sarmiento²

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Urbanismo na contemporaneidade

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as relações entre arquitetura, arte e a museologia, além entender mais profundamente questões intrínsecas à arquitetura ao longo do tempo e na contemporaneidade. Unindo essas questões, buscou-se oferecer como resultado um equipamento arquitetônico museológico que contemple tanto as necessidades técnicas e qualitativas que dizem respeito à exposição de obras de arte, quanto um que seja capaz de transmitir características arquitetônicas singulares e contemporâneas; um espaço fruto da experimentação espacial que pode ser por si só o protagonista da experiência do visitante. Com tudo isso em vista, o trabalho buscou oferecer à cidade de Juiz de Fora um novo ponto focal de exposição, educação, socialização e reunião de pessoas.

Palavras-chave: Exploração arquitetônica. Espacialidade. Arte.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte integrante de uma pesquisa destinada a fundamentar o Trabalho Final de Graduação (TFG) com o tema de exploração arquitetônica de espaços artísticos e culturais, como museus e centros culturais. O principal objetivo deste trabalho é compreender como a arquitetura se comporta no auxílio da disseminação da arte, a importância disso na cidade e na sociedade e também entender o papel da própria arquitetura como forma de expressão atualmente. Além

¹ Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Endereço: Rua Leonildo Gonçalves Regado, 593/02 – Aeroporto – Juiz de Fora – MG - Brasil. Celular: (32) 984011782. E-mail: marianagravina227@gmail.com

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Orientador(a).

disso, investigar a criação de espaços que respondam às emoções das pessoas e suscitem nelas sensações, impelindo-as à vivência espacial e conexão com este espaço, sendo ele o protagonista da experiência arquitetônica. Objetiva-se também compreender como o universo da arte e cultura e sua disseminação no cotidiano da vida das pessoas pode interferir em sua qualidade de vida. E, com tudo isso em vista, salientar também diretrizes de projeto que guiaram o desenvolvimento do produto do TFG: um projeto arquitetônico acadêmico de um museu. A importância do tema se justifica ao entender que a arte no geral é importante para a identidade e expressão, para reconhecimento e memória das pessoas. E, apesar de haver uma vida cultural intensa em Juiz de Fora, não se percebe na mesma medida a presença de espaços suficientes ou atraentes para tanto. Muitas vezes as exposições acontecem em locais improvisados, o que pode ser um ponto de dificuldade e limitação para elas – dificuldade técnica e de atratividade, de qualidade do espaço. Técnica no sentido que muitas vezes os espaços expositivos não são concebidos considerando previamente questões inerentes à fruição das obras e de qualidade no sentido realmente da qualidade arquitetônica, de ser um espaço receptivo, atraente e que possa despertar interesse do público.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é arte

Ao longo de toda a trajetória humana, a arte esteve presente de alguma forma. O presente estudo, porém, não pretende entrar no mérito da definição de o que é arte. Aqui, quando se tratar de arte, não será como uma estética superior ou dizendo respeito a peças célebres nos museus, mas sim num sentido abrangente: a arte como qualquer forma de criação a partir da sensibilidade, intuição e subjetividade; a arte substancialmente como forma de expressão na atualidade, reconhecendo sua inquestionável importância para o desenvolvimento da sociedade.

2.3 A arquitetura como arte e forma de expressão

Durante a história, a arquitetura se transformou de muitas maneiras diferentes. Saindo do abrigo, em seus primórdios, chegando a catedrais góticas opulentas, mais tarde se distanciando dos afrescos tanto quanto podia, vertente que teve seu ápice no modernismo corbusiano. Ainda hoje, as edificações são influenciadas pelo racionalismo modernista dos anos 20, sendo caracterizada por linhas ortogonais,

grandes fenestrações, pureza de materiais e elementos. Uma arquitetura marcada pela máxima miesiana “menos é mais”.

Porém, salvo a importância do movimento modernista, alguns arquitetos recentemente têm discutido se não se distanciaram demais dos elementos mais básicos da arquitetura, dos signos que se comunicavam num nível inconsciente e intrínseco com as pessoas, fazendo com que elas não se conectassem mais com as arquiteturas. O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa defende a ideia em seu ensaio *A geometria do sentimento*:

O empobrecimento do significado intrínseco da arquitetura também tem sido objeto de numerosos estudos teóricos recentes. Alguns autores acham que a arquitetura de hoje é pobre na forma, outros dizem que as formas são demasiado abstratas ou intelectualizadas. Na perspectiva da filosofia da cultura, todo o materialismo hedonista de nosso tempo parece estar perdendo a dimensão intelectual que valeria a pena perpetuar em pedra. PALLASMAA (1986 apud NESBITT, 1965-1995, p. 483)

O autor é categórico: “a arquitetura converteu-se num campo da tecnologia que ainda ousa pensar em si mesma como uma forma livre de expressão artística” (PALLASMAA, 1986, apud NESBITT, 1965-1995, p. 483). E complementa,

Existem outros indícios de que a arquitetura se afastou de seus antecedentes e de suas finalidades. (...) o planejamento se transformou tão completamente num jogo de formas que a experiência real da arquitetura tem sido negligenciada. Cometemos o erro de pensar e julgar um edifício como uma composição formal, e já não o entendemos como símbolo ou experimentamos a outra realidade que está por trás do símbolo. PALLASMAA (1986 apud NESBITT, 1965-1995, p. 483)

Segundo Pallasmaa (1986 apud NESBITT, 1965-1995, p. 483), “os princípios do elementarismo e do reducionismo têm dominado o progresso da ciência moderna. Todo fenômeno estudado é dividido em seus elementos e relações básicas e visto como a soma desses elementos”. O alastramento dessa visão elementarista atualmente chega até a arquitetura. Muitas vezes entendida puramente como ciência, como campo da tecnologia, a arquitetura é desmembrada em planos e elementos facilmente compreensíveis – paredes, pisos, coberturas, janelas, portas. E acaba-se deixando de lado o elemento impalpável, mas importantíssimo que a arquitetura traz consigo; o elemento outras ciências exatas não possuem, que cálculos matemáticos e desenhos bidimensionais de plantas e fachadas não conseguem reproduzir ou explicar, e que mesmo atividades artísticas também não possuem: o espaço, o vazio.

Historicamente, a arquitetura foi estudada e criticada a partir da estética. Mais uma vez, define-se a arquitetura a partir de seus apelos visuais bidimensionais como se fosse uma pintura, analisando as fachadas, seu “ritmo”, seus cheios e vazios, busca-

se entendê-la como se fosse uma escultura a partir de seu volume, de suas proporções. Porém, diferindo-se de outras formas de arte, “arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem” (ZEVI, 1996, p. 18). Segundo Bruno Zevi (1996, p. 18), “o espaço interior, o espaço que (...) não pode ser representado perfeitamente em nenhuma forma, que não pode ser conhecido e vivido a não ser por experiência direta, é o protagonista do fato arquitetônico”.

A arquitetura se concretiza quando vivenciada, quando experienciada. A fenomenologia nos permite abordar o estudo da arquitetura dessa forma mais subjetiva e menos ligada à objetividade científica. “A fenomenologia é de natureza introspectiva e contrasta com o desejo de objetividade do positivismo” (PALLASMAA, 1986, apud NESBITT, 1965-1995, p. 485), do reduativismo elementarista. Segundo Pallasmaa,

a fenomenologia da arquitetura é "olhar, contemplar" a arquitetura a partir da consciência que a vivencia, com o sentimento arquitetônico em oposição à análise das propriedades e proporções físicas da construção ou de um quadro de referência estilístico. A fenomenologia da arquitetura busca a linguagem interna da construção. PALLASMAA (1986, apud Nesbitt 1965-1995, p. 485)

Uma pintura não pode ser analisada a partir de suas dimensões, da separação de cores e sequência de pinceladas, e da mesma forma a arquitetura não pode ser entendida a partir do desmembramento de seus planos. A arte se frui. Estabelece-se uma relação invisível que se dá entre o que está posto numa pintura e tudo o que a pessoa que a está vendo já viu e viveu e ali a verdadeira essência da arte está. A obra de arte só existe em nós, só existe a partir do momento em que é fruída.

A dimensão artística de uma obra de arte não está na coisa física propriamente dita; ela só existe na consciência da pessoa que passa pela experiência pessoal da obra. (...) A experiência da arte é uma interação entre nossas memórias corporificadas e nosso mundo. Em certo sentido, toda arte se origina de nosso corpo. PALLASMAA (1986, apud Nesbitt 1965-1995, p. 484)

A concretização da obra de arte apenas se dá após a recriação da subjetividade da obra que se dá a partir de estruturas internas e intrínsecas a cada um.

A arquitetura, por sua vez, se vivencia. Da mesma forma, existe uma relação única e impalpável entre uma pessoa e o espaço. À primeira vista, o que a arquitetura traz é material, sólido, funcional. Mas ela também expressa a partir do que é sólido, a partir de suas imagens, algo a que cada pessoa com sua personalidade, história e cultura

responderá de forma diferente. A arquitetura também apenas se concretiza plenamente após a vivência do espaço.

Uma experiência marcante da arquitetura sensibiliza toda nossa receptividade física e mental. E difícil apreender a estrutura do sentimento, por causa de sua imensidão e diversidade. Na experiência, descobrimos uma combinação do biológico e do cultural, do coletivo e do individual, do consciente e do inconsciente, do analítico e do emocional, do mental e do físico. PALLASMAA (1986, apud NESBITT, 1965-1995, p. 488)

Assim como na arte,

a arquitetura existe numa realidade diferente da nossa vida cotidiana e das nossas atividades. (...) A qualidade da arquitetura não reside na sensação de realidade que expressa, mas, ao contrário, em sua capacidade de despertar nossa imaginação. PALLASMAA (1986, apud NESBITT, 1965-1995, p. 488)

A arquitetura também se aproxima muito da arte em seu sentido de forma de expressão, não somente individual, mas também coletiva, sendo um reflexo de um tempo. A arquitetura consegue capturar e refletir o zeitgeist, o espírito do tempo, incorporando as virtudes, os vícios, os anseios e as tolerâncias de uma época. Ela diz de avanços tecnológicos, de preferências estéticas, assim como também diz de aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de uma época; diz de hábitos, vivências e aspectos morais.

Como a arte, a arquitetura aspira a expressar a condição humana, a experiência de nossa existência no mundo. Esse é o conteúdo tautológico das obras de arte, independentemente do período e do gênero. Consequentemente, o objetivo artístico da arquitetura está fora da forma de arte em si na experiência e na compreensão existenciais humanas. Uma arquitetura significativa fortalece nossa consciência da realidade, ou melhor, do enigma da realidade, e a condição humana. Uma experiência de arquitetura tocante é sempre uma experiência de fascínio. PALLASMAA (2013, p.99)

Sob a ótica fenomenológica, mais humana e subjetiva, a arquitetura se mostra como “mediadora, em vez de ser o fim em si” (PALLASMAA, 2013, p. 100). Ela é o meio pelo qual experimentamos o mundo. “A arquitetura emoldura, estrutura, reorienta, confere escala, reenfoca e desacelera nossa experiência do mundo, transformando-a em um ingrediente do senso corporificado de nosso próprio ser” (PALLASMAA, 2013, p. 100).

A arquitetura é capaz de sensibilizar e emocionar as pessoas de uma forma que poucas formas de arte conseguem reproduzir, já que o espaço arquitetônico é um espaço é vivenciado diretamente, com a presença física; é um lugar com uma finalidade funcional, características técnicas e formais, mas também é, em última instância, uma arte de fruição corpórea, psíquica e emocional.

Talvez um dos maiores êxitos da arquitetura seja exatamente a capacidade de trazer para si e englobar o entendimento de mundo e sociedade que a cerca e também os sensações e respostas psicológicas e emocionais das pessoas, “as realidades poéticas que emergem em uma esfera imaginária e mental” (PALLASMAA, 2013, p. 99). E depois utilizar essa camada de entendimento etérea e difícil de capturar, com a finalidade de criar lugares, espaços que façam cada vez mais sentido para quem os utiliza, que expressem cada vez mais a essência de nosso tempo e da nossa caminhada pelo mundo, que respondam a nós e às nossas necessidades; com a finalidade de criar, virtualmente, a realidade, o palco onde nossa vida acontece.

3 METODOLOGIA

Através da metodologia de pesquisa bibliográfica e documental, busca-se analisar e entender as manifestações arquitetônicas ligadas à cultura e à arte e seu papel na cidade e na sociedade atual, e estudar formas de trabalhar a arquitetura de forma expressiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As especificidades do projeto perpassam diversas questões. A começar pelo programa, com a adoção de um programa estendido de museu. No contexto atual, entende-se que estes espaços precisam de uma transformação: museus precisam ser espaços mais dinâmicos e convidativos. A Nova Museologia, segundo Duarte (2013, p. 99), ambiciona uma renovação do museu no século XXI e traz para esta categoria o tripé: educação, preservação e comunicação. Ou seja, mais do que apenas espaços expositivos e de preservação da memória, pretende-se trazer para o programa o aspecto da comunicação através de um auditório, da educação, associando-o fisicamente ao campus de uma instituição de ensino e o aspecto que tem mais a ver com a reunião de pessoas com o restaurante e espaços mais flexíveis, como os foyers e os mezaninos livres, resultando assim num programa expandido.

Arquitetonicamente, buscou-se temas também contemporâneos como a inventividade, a investigação espacial com o intuito de criar espaços interessantes, fluidos e diferentes dos do que já existem na cidade, resultando tanto em bons espaços para as exposições (levando em conta questões de tamanho, luminosidade, temperatura, segurança), quanto os espaços “remanescentes”. Ambos os espaços,

os que servem e os que são servidos, pensados para o maior conforto e mais diversas sensações, resultando em uma edificação inteiramente convidativa. No projeto, o espaço é o grande protagonista, apresenta uma singularidade, já que “a experiência mais vasta e possivelmente mais importante que se pode ter da arquitetura é a sensação de estar em um lugar único. Uma parte dessa intensa sensação do lugar é sempre a impressão de algo sagrado” (PALLASMAA, 1986, apud NESBITT, 1965-1995, p. 487).

Assim, essa arquitetura expressa as marcas de nosso tempo, do modo como vivemos e do que almejamos e oferece funcionalidades pertinentes e interessantes à sociedade, conseguindo assim se comunicar e se conectar com as pessoas e com a cidade, sendo um novo ponto focal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o projeto do museu permitiu que fosse trabalhado o tema da exploração espacial em espaços artísticos, possibilitando a experimentação arquitetônica, resultando num projeto de forte tensão espacial. Além de contribuir para a cidade e a sociedade entregando um local de abrigo e exposição de qualidade para as obras e um lugar que contribui ativamente para a educação, socialização das pessoas e democratização da arte.

ABSTRACT, RÉSUMÉ ou RESUMEN

This study aimed to understand the connections between architecture, art and museology, in addition to understanding more deeply questions intrinsic to architecture over time and in contemporary times. By uniting these themes of research, it was offered as a result a museological architectural equipment that contemplates both technical and qualitative needs related to the exhibition of art, as well as one that is capable of transmitting unique and contemporary architectural characteristics; a space that is the result of special experimentation that can be, in itself, the protagonist of the visitor's experience. With all this in mind, the research and project sought to offer the city of Juiz de Fora a new focal point for art exhibition, education, socialization and gathering of people.

Key words: *Architectural experimentation. Spatiality. Art.*

REFERÊNCIAS

- PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre. Bookman, 2013.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução Maria Isabel Gaspar / Gaëtan Martins de Oliveira. 5º edição. São Paulo. Martins Fontes, 1996.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Tradução Vera Pereira. 2º edição. São Paulo. Cosac Naify, 2008.
- DUARTE, Alice. **Nova museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora**. Online. Revista Museologia e Patrimônio, Vol. 6, No. 2, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>. Acesso em 27 de junho de 2022.